

EUA: TERRA DAS OPORTUNIDADES (TRILOGIA INACABADA DE LARS VON TRIER – FILMES *DOGVILLE* E *MANDERLAY*) E A PROBLEMATIZAÇÃO DA DEMOCRACIA DIRETA: UM DIÁLOGO ENTRE DIREITO E CINEMA

Ana Paula Ricco Terra (IC) e Rodrigo Augusto Suzuki Dias Cintra (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

Resumo:

As aventuras de Grace, protagonista que estrela os filmes *Dogville* e *Manderlay*, de direção de Lars Von Trier, provocam reflexões que ultrapassam as décadas. Embora tenham ocorrido em um suposto ambiente estadunidense pós-crise de 1929, caem como uma luva nas discussões atuais. Em *Dogville* e *Manderlay*, duas “cidadezinhas” isoladas na vastidão dos EUA e abandonadas a própria sorte, inclusive em situação de desamparo frente o poder estatal, novas regras políticas do organismo social são estabelecidas; o ambiente é favorável a um regime aonde decisões são tomadas em conjunto, com relevância da opinião individual de cada morador local. Instaure-se a verdadeira democracia direta idealizada por Rousseau há tanto tempo. Mas, mesmo assim, essa organização utópica que tanto valoriza a liberdade leva a aberrações, tais como, se decidir democraticamente a favor da escravidão. Como pode o mais sonhado de todos os regimes se contradizer naturalmente? *Dogville* e *Manderlay* eram aparentemente locais adequados a aplicação da democracia direta, então por quê? O que é a democracia? Um fim? Um meio? São os homens propícios a esse ambiente? Ou, em essência, a democracia é autofágica? Busca-se, neste artigo, discorrer acerca dessas questões sob a perspectiva dos filmes de Lars Von Trier, tendo como base a construção rousseaniana de democracia, por vezes confrontadas com a visão de Kelsen sobre a questão, baseada em uma metodologia essencialmente bibliográfica de diálogo entre tais autores.

Palavras-Chaves: Dogville e Manderlay; direito e cinema; democracia direta.

Abstract:

The Grace's adventures, protagonist of the movies *Dogville* and *Manderlay*, directed by Lars von Trier, provoke reflections that go beyond time. Although have occurred on a supposed american territory after the crisis of 20's, has been perfect in actual debates. In *Dogville* and *Manderlay*, two little towns isolated in USA and abandoned to their fate, in situation of helplessness by the state, new political rules of the social body are established; the place is good to a system where the decisions are made in group, with significance of the individual opinion one by one. Introduced the real direct democracy dreamed by Rousseau a long time ago. But, such even, this utopic organization that loves the liberty, conduct to a freak, as decide by slavery democratically. How can be the most dreamed of all the regimes contradict itself naturally? *Dogville* and *Manderley* were apparently suitable to the application

of the direct democracy, then why? What is the democracy? An end? A mode? Are the man propitious to this system? Or, essentially, the democracy is autophagic? Search, in this scientific paper, discuss about this questions by the perspective of the movies by Lars von Trier, having like basis the Rousseau's works about the democracy, by time confronted with the Kelsen's vision about the question. This work is based in a bibliographic method, where these authors converse.

Keywords: Dogville and Manderlay; law and cinema; direct democracy.

Introdução

Conhecendo um pouco das obras *Dogville* e *Manderlay* e fazendo uma rápida incursão pela democracia de Rousseau

Dizer que a democracia é a melhor forma de regime político é um consenso, ou praticamente um consenso na realidade atual. Somos todos democratas. Como diz Kelsen, a “democracia é a palavra de ordem que, nos séculos XIX e XX, domina quase universalmente os espíritos” (2000, p. 25).

Melhor ainda seria se, ao invés das democracias chamadas indiretas ou semidiretas espalhadas ao redor do mundo, fossem recorrentes democracias diretas; pelo menos, este seria o ideal, ou que o pai da democracia¹, Jean-Jacques Rousseau, assumiu como a melhor forma de governo². Se seria a democracia direta fáctivelmente viável, é uma discussão que já ocupou muitas páginas anteriores a estas. Uma das possibilidades de resposta a essa pergunta, porém, se dá através da análise dos filmes *Dogville* e *Manderlay*, de direção de Lars Von Trier.

Grace, filha de um importante gangster, após um desentendimento com o pai, foge dos seus “cuidados” e acaba encontrando acidentalmente a cidadezinha *Dogville*, onde consegue o apoio dos cidadãos para fazer deste local seu esconderijo. Mas esse apoio tem seu preço. Por intermédio de Tom, o “intelectual” da cidade, Grace passa a trabalhar um pouco por dia para cada família: faz trabalhos que ninguém necessitava, luxos, mas que depois tornam-se necessários pela força do hábito. Cada dia mais escondê-la exige riscos e por isso, Grace passa a trabalhar em dobro. Sugam-na a exaustão e esperam tanto desta forasteira que no fim lhe adicionam grilhões e a convertem em escrava, primeiro de trabalhos forçados, depois escrava sexual³. Tudo em *Dogville* se decide em assembleia; uma votação só é concluída se tem o consentimento de todos e é dentro deste modelo democrático que decidem a favor dos grilhões, sem se darem conta da contradição desta decisão para o modelo democrático que mantêm.

Após todo esse sofrimento, Grace se pronuncia em assembleia (novamente por intermédio de Tom) acerca de todos os maus tratos de que vinha sendo vítima, o que gera um desconforto na população. Uma vez que os cidadãos se veem novamente sozinhos, em

1 Foi aclamado pelos revolucionários franceses de 1789, como o pai da verdade, aquele que deu os pilares da sociedade política; enfim, o pai da democracia como conhecemos hoje.

2 Em, *Do Contrato Social*, percebe-se que Rousseau toma partido em favor da democracia como a mais admirável forma de governo em vários excertos.

3 Este é o ápice da humilhação de Grace. Sugam toda e qualquer dignidade de Grace sem se aperceberem de ser este ato de extrema vilania.

assembleia, distantes dos olhos e ouvidos de Grace, decidem se livrar dela de uma vez por todas e, para isso, ligam para um número que foi deixado com Tom na primeira vez que agentes estranhos à cidade vieram procurar pela fugitiva. Sem muita demora, chegam a *Dogville* o pai de Grace e seus homens, que a libertam. Grace, revestida do poder de seu pai, decide exterminar *Dogville* da face da terra⁴, queima a cidade e assassina seus moradores em ato de vingança.

As aventuras desta personagem não param por aí, após deixar *Dogville*, Grace acaba na fazenda *Manderlay*, perto de onde o carro que a transportava havia quebrado. Em *Manderlay*, encontra uma situação que a comove: em pleno território estadunidense, a “terra da liberdade”, na década de 1930, se depara com a escravidão racial – negros submissos a brancos, sem conhecimento dos seus direitos e da abolição da escravatura. Tentando consertar esse cenário injusto, Grace, através do poder de fogo que detinham seus homens, que viajavam com ela a mando de seu pai, impõe um regime democrático: pela força obriga os moradores de *Manderlay* a serem livres. Tudo corre bem, até que, em um momento de desentendimento, os ex-escravos passam a acreditar que não estão aptos a serem livres e, no próprio modelo democrático que Grace instaurou, decidem fazer dela sua nova senhora. De novo, o modelo de maior liberdade conduz à escravidão – escravidão “voluntária” dos ex-libertos e escravidão de Grace, obrigada a ser senhora de escravos.

Justamente nesse cenário, de ambos os filmes, é que se pode distinguir a organização democrática em sua mais pura forma: a democracia direta tal qual foi organizada em seus primórdios por Rousseau. Em *Do Contrato Social*, é descrito com perfeição o ambiente ideal para ser instaurada a democracia:

...quantas coisas difíceis de reunir tal governo não supõe. Primeiro, um Estado bem pequeno, em que seja fácil reunir o povo e em que cada cidadão possa facilmente conhecer todos os outros; em segundo lugar, uma grande simplicidade de costumes, capaz de prevenir o sem-número de assuntos e discussões espinhosas; depois, muita igualdade nos níveis e nas fortunas, sem o que a igualdade não subsistiria por muito tempo nos direitos e na autoridade; por fim, pouco ou nenhum luxo, porque ou luxo é efeito das riquezas, ou as torna necessárias. (ROUSSEAU, p. 122, 2014)

Assim como no excerto, *Dogville* e *Manderlay* são locais pequenos onde se aglomeravam algumas poucas famílias, sendo o contato entre elas extremamente facilitado; da mesma forma, em ambos os casos, os moradores parecem ter extrema simplicidade de costumes, vivendo conforme o ditame das necessidades e beirando, por vezes, a ignorância; quanto à igualdade de níveis e fortunas, são todos acometidos da mesma miséria e quando

4 Grace diz, ao final do filme, querer fazer do mundo um lugar melhor, melhor sem *Dogville*.

raras, as faturas, são distribuídas igualmente conforme o trabalho em equipe que iguala todos em esforços (em *Manderlay* as coisas só se tornam assim após os ajustes feitos por Grace).

Agora que foi traçado o contorno ideal para o ambiente democrático, falta-nos conhecer o que se chama democracia. A democracia, segundo a classificação rousseauniana, consiste em uma organização específica aonde todos os cidadãos trabalham em conjunto para executar a vontade do corpo soberano, ou seja, a vontade geral, fruto de uma votação prévia que envolveria todos os membros da cidade; em palavras mais claras, um regime democrático é aquele em que os mesmos que votam, executam o conteúdo desse voto.

Esse corpo uniria todos os participantes do pacto de associação civil, sempre segundo o compromisso com a vontade geral, ou seja, aquela que é sempre boa e favorece a todos. Assim, todos se doariam uns aos outros na exata medida, visto que é isto que dá equilíbrio para a formação da vontade geral e, conseqüentemente, da democracia. Considera-se vontade geral a “alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, a toda comunidade. Porque, primeiramente, se cada um se doa por inteiro, a condição é igual para todos, e, sendo a condição igual para todos, ninguém tem interesse em torná-la onerosa aos outros” (ROUSSEAU, p. 66, 2014).

No governo democrático, enfim, é como se o pacto feito para formação do corpo soberano fosse ratificado duas vezes; uma para a formação da vontade geral, outra para a execução da vontade geral: comprometimento duplo, o verdadeiro *governo do povo, pelo povo e para o povo* (SILVA, 2005, p. 126). É o ambiente de maior liberdade, onde cada um só obedece a si mesmo e cidadãos tendem a prosperar:

Como encontrar uma forma de associação que defenda e proteja com toda força comum a pessoa e os bens de cada associado, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedeça, no entanto, a si mesmo, e permaneça tão livre quanto antes? (ROUSSEAU, p. 65, 2014)

Qual a finalidade da associação política? A conservação e a prosperidade de seus membros. (ROUSSEAU, p. 139, 2014)

Se *Dogville* e *Manderlay*, como já foi citado, se encaixam de verdade em um ambiente democrático, onde todos estão comprometidos com o corpo político, o que os leva a negar a essência da democracia: a liberdade? O que desequilibra esse ambiente aparentemente perfeito? Quais são os possíveis vícios que degeneram esse regime? No corpo deste trabalho, busca-se analisar, a partir dos filmes de Lars Von Trier, problemas hipotéticos que a democracia direta poderia enfrentar na prática, encontrando possíveis respostas às perguntas já mencionadas.

Referencial Teórico

Pauta-se a pesquisa na análise dos clássicos escritos por Rousseau, um idealista acerca da democracia, principalmente a partir da leitura de *O Contrato Social*, confrontado com os céticos nesse campo: Platão, em sua obra *A República* e Kelsen, em seu trabalho sociológico *A Democracia*.

Para melhor compreensão dos escritos de Rousseau, fez-se uso do estudo de Luiz R. Salinas Forte e o trabalho científico de Elena Esser dos Reis.

Para melhor percorrer os pormenores dos filmes, utiliza-se trabalhos que exploram a linguagem cinematográfica, seja especificamente nos filmes, como em *Lars Von Trier*, de Linda Badley, ou genérica, como em *El lenguaje cinematográfico* de Joaquim Romaguera i Ramió.

Dialogando estudos cinematográficos genéricos e acerca da obra, entrevistas (*Lecciones del Cine*), obras de renome na discussão da democracia e análises para melhor compreensão dessas obras clássicas, por vezes de épocas tão distintas, pretende-se aprofundar-se em uma faceta pouco explorada dos filmes *Dogville* e *Manderlay*: a organização política das duas cidades abandonadas a própria sorte nos EUA.

Metodologia

A pesquisa pauta-se em método essencialmente bibliográfico. Os trabalhos analisados, que a ela deram ensejo, foram selecionados com cautela, de maneira qualitativa, contemplando elementos pertinentes a construção, colocando em diálogo diferentes visões acerca da democracia, em busca de uma síntese a partir da realidade hipotética apresentada nos filmes *Dogville* e *Manderlay*.

Colocando em diálogo fontes tão diferentes, persegue-se a média imparcialidade, não suprimindo a complexidade que um assunto jurídico-político como a democracia (direta, no caso deste artigo) pode trazer.

Resultados e Discussão

1.1 *Um governo tão perfeito assim não convém aos homens* (ROUSSEAU, p. 123, 2014)

A democracia é o governo dos deuses; nós, homens e mulheres, somos falhos; por isso, um governo sem vícios não é humano. *Dogville* e *Manderlay* não fogem à regra. Observando em maiores detalhes, desenham-se pequenos vícios quase imperceptíveis que destoam do ambiente democrático perfeito segundo a teoria de Rousseau e que podem desequilibrar a harmonia desse ambiente que não precisa de muito para se desestabilizar; como diz Rousseau, “não há governo tão sujeito as guerras civis e às agitações intestinas” (p. 123, 2014).

Embora *Dogville* e *Manderlay* representem o estereótipo do lugar perfeito para o desenvolvimento de uma democracia direta, não estão livres de fissuras que podem comprometer essa democracia, cuja compreensão depende de uma das mais difíceis análises da obra de Rousseau: a vontade geral. Sabe-se que a vontade geral é sempre reta (ROUSSEAU, p. 80, 2014) e que quanto mais perto chegar da unanimidade as decisões tomadas em assembleia, mais confiável será o indício de que a decisão contempla esse ideal (ROUSSEAU, p. 163, 2014). Mas isso não basta para entendê-la. Deve-se distinguir a vontade geral dos interesses particulares, com os quais a vontade geral está sempre em guerra (ROUSSEAU, p. 139, 2014). Pode ser, por exemplo, que uma decisão se aproxime da unanimidade sem contemplar a vontade geral, o que acontece quando, ao invés do interesse público, são somados os interesses particulares que não cabem aos cidadãos, mas sim aos homens corrompidos pela força das paixões. Aqui, tem-se a chamada vontade de todos (ROUSSEAU, p. 80, 2014), que em nada se parece com a vontade do cidadão, ou seja, a vontade geral. Assim,

...a vontade geral, para ser verdadeiramente geral, deve sê-lo tanto em seu objetivo como em sua essência, que ela deve partir de todos para se aplicar a todos e que perde sua retidão natural quando tende a algum objetivo individual e determinado. Porque, então, julgando o que nos é alheio, não temos nenhum princípio de equidade a nos conduzir. (ROUSSEAU, p. 83, 2014)

Logo, o que faz a vontade geral ser perceptível, é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Se se julga esse outro, se se deixa de vê-lo como semelhante, perdem-se os parâmetros de comparação, têm-se deturpada as noções de piedade, uma das características essenciais ao homem, como confirma Rousseau em seu *Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens*: “a comiseração será tanto mais enérgica quanto mais intimamente o animal espectador se identificar com o animal sofredor” (1999, p. 191).

Em *Dogville*, Grace é tida desde o início como forasteira, alguém que não participa da associação e nem sequer tem direito a voto nas assembleias. Nunca foi considerada uma igual; não era como Tom, Jason, Vera, Bill... Foi julgada de maneira muito mais severa. Se errasse ou decepcionasse as expectativas, era julgada sem que considerassem, inclusive, a sua dignidade.

“Talvez, se estivesse no lugar deles, tivesse agido da mesma maneira”, diz Grace a seu pai. Talvez se fosse cidadã de *Dogville*, tivesse agido da mesma forma. Grace reconhece que sujeita aquelas condições poderia ter confundido a vontade geral com seu interesse particular sem perceber: “todos querem sempre o próprio bem, mas nem sempre o veem”. (ROUSSEAU, p. 80, 2014)

Em *Manderlay*, por sua vez, confundem-se as vontades particulares com a vontade geral quando são forçados os pilares democráticos a um povo novo e inexperiente nesta forma de governo e, como consequência, passa-se a votar acerca dos assuntos mais banais, como a reformulação das horas no relógio, se determinado morador com a risada estridente seria permitido de continuar a rir, etc., coisas que fogem do interesse coletivo por não ser matéria de importância suficiente para gerarem lei - visto que toda decisão do corpo soberano, ganha força de lei (ROUSSEAU, p. 91, 2014): “*Instead of bringing real issues to the table, Manderlay’s citizens vote about personal irritations*”. (BADLEY, 2015, p. 219)

Além disso, quando Grace impõe a democracia, um suposto regime liberal, nas bases de Rousseau, não considera que a liberdade não pode ser imposta e que nem todos os povos estão aptos a serem livres⁵.

Que povo portanto é propício a receber leis? Aqueles que, já estando ligado por algum laço de origem, de interesse ou convenção, ainda não suportou o verdadeiro jugo das leis; aquele que não tem nem costumes nem superstições arraigadas; aquele que não teme ser oprimido por uma invasão súbita, que, sem entrar nas disputas de seus vizinhos, pode restituir sozinho a cada um deles ou valer-se de um para repelir outro; aquele em que cada membro pode ser reconhecido de todos e em que não é preciso sobrecarregar um homem de um fardo maior do que ele pode suportar; aquele que pode prescindir dos outros povos e de que nenhum outro povo pode prescindir; aquele que não é nem rico nem pobre e que pode ser autossuficiente; aquele, enfim, que une a consistência de um antigo povo à docilidade de um novo. (ROUSSEAU, p. 102, 103, 2014)

Os moradores de *Manderlay* constituem uma comunidade nova, ainda muito arraigada em um mundo escravocrata; com costumes referentes a esse universo, estão ideologicamente presos ao passado e, se se libertaram do regime escravocrata, ainda não se emanciparam ideologicamente⁶.

Tal como os homens, os povos são dóceis somente na sua juventude, tornando-se incorrigíveis ao envelhecer. Quando os costumes são estabelecidos e os preconceitos arraigados, é uma empreitada inútil querer reformá-los: o povo não pode sequer admitir que se toquem em seus males para erradicá-los, como aqueles doentes estúpidos e sem coragem que tremem ao ver um médico. (ROUSSEAU, p. 96, 2014)

Sendo um povo novo em constituição, mas velho nos preconceitos e costumes, *Manderlay* não é o ambiente ideal para que a democracia prospere.

5 Rousseau diz que a liberdade não está ao alcance de todos os povos. Livres no sentido de estarem aptos a autonomia que pressupõe o regime democrático.

6 Em Rousseau, vemos o conceito de ideologia em um estágio embrionário, presentes em algumas expressões, como um povo *suficientemente informado*.

Não é só por dentro que o novo governo está comprometido, o modo pelo qual foi estabelecido também é estranho. Pode-se impor a liberdade? Se a liberdade é imposta, de que vale? Nada que nasce da força, constitui direito (ROUSSEAU, p. 58, 2014).

Tudo o que é imposto perde a validade assim que o poder de coagir acaba. Quando a força se extingue, retoma-se a liberdade natural, mas a liberdade natural de ser escravo (*Manderlay*)? Chega a ser um paradoxo. Como é possível um povo retornar voluntariamente a escravidão? No fim, talvez, um povo só é apto a ser povo e a ser livre quando encontrar sua maturidade natural, o que talvez não tenham alcançado ainda os moradores de *Manderlay*.

Se os escravos de *Manderlay* continuassem escravos, uma hora perceberiam que estavam sendo subjugados? Encontrariam essa maturidade que lhes permitiria se dizerem livres? Como é essa maturidade? E nós, a alcançamos? É impossível responder com precisão esta hipótese, mas quiçá, essa resposta vá muito além dos conhecimentos de Rousseau...

1.2. Será a liberdade o verdadeiro pilar da democracia?

A democracia implica a plena doação ao corpo político, ou seja, se fosse um regime de máxima liberdade individualista, se autodestruiria, pois ao invés de obedecer a uma vontade coletiva voltada para realização do bem comum, cada um só ouviria aos seus próprios desejos. Segundo Kelsen, esse é “o conflito insolúvel que opõe a ideia de liberdade individual a ideia de ordem social; esta, em sua essência mais profunda, deve valer objetivamente, ou seja, em última análise deve independer da vontade daqueles que se lhe submetem” (1993, p. 30).

É justo admitirmos que Rousseau tentou conciliar o Estado ideal com o máximo de liberdade possível, mas nem por isso, pode-se deturpar sua noção de liberdade, enfatizando o enfoque sobre o indivíduo ao modo do liberalismo capitalista⁷, como ocorre a *Dogville* e *Manderlay*. A liberdade compatível com a democracia é a liberdade do cidadão⁸, não a liberdade do indivíduo egoísta. É um palpite, então, que Lars Von Trier tenha exposto em *Dogville* “...the material foundations of American liberal democracy” (BADLEY, 2015, p. 143).

Se colocarmos na base da democracia esse conceito deturpado de liberdade, a capacidade do regime se desviar de sua finalidade, o bem comum, aumentaria sobremaneira. Se a democracia é a espécie de governo com maior capacidade de se degenerar, iludir a cada cidadão participante do pacto como detentor absoluto e único dono de sua liberdade, é o

7 O conceito original da antiguidade foi modificado pelo liberalismo político, cuja tendência é restringir o poder do governo no interesse da liberdade do indivíduo, segundo Kelsen.

8 Quem será beneficiado com o pacto, segundo Rousseau, será o cidadão. Por isso, em suas obras são frequentes as alusões ao cidadão, que muito difere do homem corrompido por paixões e vontades egoístas.

mesmo que enfraquecer o corpo político, visto que cada um só se enxergaria como seu próprio juiz (ROUSSEAU, p. 66, 2014) e veria como legítimas apenas aquelas ações que, antes de fazer o bem a todos, em primeiro plano lhe beneficiasse.

Dentro deste paradoxo: ser cidadão ou ser livre⁹, é que convivem os moradores de *Dogville*. Chuck, o colhedor de maçãs, não concorda com a presença de Grace na cidade; todavia, muda de opinião quando ela passa a ajuda-lo no trabalho e passa a ser vítima dos seus abusos em silêncio. Chuck quase inviabilizou a estada de Grace em *Dogville*. Ao mesmo tempo em que os cidadãos se unem como corpo, para criar uma opinião comum, as votações e a vontade desse corpo sofrem uma restrição: para que haja uma decisão válida tomada pelos membros da Assembleia, os cidadãos de *Dogville* devem chegar à unanimidade, de forma que as decisões tomadas em grupo seriam sempre universalmente aceitas. Por isso, Chuck, com o seu voto, sozinho, poderia ter, de fato, inviabilizado a estada de Grace.

O modelo de votação assumido por *Dogville* pode ser uma garantia de que tudo que for decidido se aproxime da vontade geral, pois, como escreve Rousseau, “quanto mais reinar a concordância nas assembleias, isto é, quanto mais as opiniões se aproximarem da unanimidade, mais também a vontade geral será dominante” (p. 163, 2014). Contudo, decidir tornar alguém escravo não pode ser obra da vontade geral. Como vimos¹⁰, a vontade geral tende a todos, nunca a objeto particular. Logo, o modelo de *Dogville*, ao invés de evitar resoluções injustas, acabou protegendo cada votante no seu casulo individualista.

Em *Manderlay*, a típica visão de liberdade própria ao capitalismo pode ter se potencializado com a atitude de Grace de impor o regime “democrático”. Quando tenta fazer com que os moradores da fazenda, principalmente os ex-escravos, se acostumem com a ideia de submeter tudo a uma assembleia, de modo que participem diretamente de qualquer mudança, exagerando no valor que possui cada opinião pessoal para construção dessa vontade coletiva, pode ter deturpado a noção de liberdade do cidadão, tendo em vista ênfase exagerada no poder que tem a democracia de acabar com todo e qualquer jugo, não só ao jugo do tirano. Mas essa visão é perigosa, pois há um jugo a que até mesmo os participantes de uma democracia devem se submeter: a vontade coletiva, que em *Dogville* e *Manderlay* é posta em segundo plano, sempre depois da vontade individual.

A figura de Grace pode ser de extrema importância como responsável por trazer essa noção individualista em *Manderlay*, também pelo que representa: “*Grace thus becomes a White, perky, and shallow All-American Girl stereotype*”. (BADLEY, 2015, p. 207)

⁹ Livre tomado no sentido de liberdade capitalista.

¹⁰ Ver p. 5-6 do artigo.

Brincando com estereótipos e deixando uma névoa espessa que trazem as perguntas “democracia e individualismo não combinam em *Dogville*? Ou sempre e em qualquer lugar?”, Lars Von Trier pode ter feito uma crítica direta as bases intocáveis¹¹ da democracia liberal, inclusive a seus pilares históricos, ao admitir Thomas Edson como um de seus personagens (o suposto intelectual, cheio de teorias que não funcionam na prática e que geram riscos), uma possível alegoria ao Thomas Edson pai da democracia norte-americana¹², legislador que produziu a Constituição.

Outro fator que pode ser responsável por desviar *Dogville* do caminho ideal de toda associação política¹³, é a forma que Tom¹⁴ encontra para que Grace seja recepcionada e aceita como nova habitante da cidade. Ela se compromete em trabalhar um pouco para cada morador, como recompensa pelo abrigo. Primeiro isso gera uma confusão das esferas público-privada, porque para ser aceita como moradora, não deveria prestar serviços particulares e separados para cada habitante de *Dogville*, e sim, ou no máximo, para a cidade. Segundo que, Grace se compromete a fazer trabalhos que ninguém necessitava:

Her services are luxuries – things (Tom explains) “that you’d like done, but that you don’t think necessary” such as weeding Ma Ginger’s (Lauren Bacall’s) wild gooseberry bushes and cleaning house for the black “cleaning lady” Olivia (Cleo King) who Works for better-off people in the next town, or teaching Vera’s homeschooled children. (BADLEY, 2015, p. 154-155)

A presença de Grace desequilibra o ambiente de simplicidade com luxos. Como diz Rousseau, em uma democracia é necessária “muita igualdade nos níveis e nas fortunas, sem o que a igualdade não subsistiria por muito tempo nos direitos e na autoridade; por fim, pouco ou nenhum luxo, porque ou luxo é efeito das riquezas, ou as torna necessárias” (ROUSSEAU, p. 122, 2014).

Grace, se doando para tornar reais luxos desnecessários, acaba trazendo para si uma cobrança de que depois não consegue se desvencilhar, ficando presa à cobiça daqueles que têm e não aceitam ter menos. Assim, desestabiliza-se a democracia quando se fortificam sentimentos de cobiça, uma das paixões de homem, que distancia ainda mais o homem individual dono do seu próprio nariz de sua parte cidadã, que se importa com os demais e possui claro senso de comunidade:

11 Em um mundo onde somos todos democratas, quem ousa criticar qualquer conceito que invoque a democracia? Pergunta Kelsen.

12 Linda Badley acredita que o personagem Thomas Edson Jr., em *Dogville*, possa ser uma alegoria ao Thomas Edson inventor da eletricidade ou o Thomas Edson político, pai da democracia estadunidense, em seu livro *Lars von Trier*.

13 Ver p. 9 do artigo.

14 Thomas Edson Jr.

... os cidadãos só se deixam oprimir na medida em que, arrastados por uma cega ambição e olhando mais para baixo do que para cima de si, passam a apreciar mais a dominação do que a independência e consentem em carregar grilhões para, por sua vez, poder distribuí-los. (ROUSSEAU, p. 236)

A miséria também não combina com democracia. A vida pública só prospera se houver tempo e recursos para desenvolvê-la. Em um ambiente de estagnação, aonde nenhum recurso sobra e todas as forças estão voltadas para a sobrevivência, o corpo social não se fortalece e morre da mesma maneira que nasceu: do nada. Como diz Rousseau, “os lugares em que o trabalho dos homens rende apenas o exato necessário tem de ser habitado por povos bárbaros, qualquer civilização seria impossível aí” (p. 135, 2014).

Em *Dogville*, a pobreza é uma realidade. Em plena depressão norte-americana, ter o que comer é difícil. Os filhos de Vera, com os rostos sujos e sempre chorando de fome, externam essa dificuldade. Em *Manderlay*, a situação não é muito diferente: os escravos passavam fome para que a família de *Mam* tivesse o que comer; quando o regime escravocrata dentro da fazenda caiu, a fome a passou a ser representada pela luta da comunidade em reservar alimentos especialmente para as crianças e uma senhora deficiente.

A miséria pode ter contribuído para um novo vício, em *Dogville*; a falta de espaço voltado para o exercício da cidadania, ou seja, a carência de espaços para encontros comunitários para discutir questões políticas acaba conduzindo esses encontros ao único espaço disponível e subtilizado da cidade: a igreja¹⁵. Tomamos a estrutura democrática como a um deus: ama o modelo participativo instaurado, mas pouco sabe da sua finalidade ou essência e escolhe esse local sagrado para exercitar seus “cultos” a democracia. Não é por acaso que Lars Von Trier escolhe a igreja como cenário para as controversas assembleias: *Dogville* é parte dos EUA, e é cristã. Pode não ter ninguém para celebrar cultos, mas reconhece a moral cristã.

Unir igreja e democracia em um mesmo espaço parece à combinação explosiva para que não se alcance nem a democracia nem o cristianismo: o símbolo do fracasso. O cristianismo, segundo Rousseau, não é compatível com a vida pública quando fortalece o espírito individual e relega o mundo (ROUSSEAU, p. 191, 2014), fazendo o homem escolher (FORTES, 1989, p. 92) entre o mundo espiritual e o mundo real. Seguindo essa perspectiva, os moradores de *Dogville* foram educados a olharem antes para dentro de si do que ao mundo a sua volta; então, saturar Grace com trabalho não parece tão importante quanto à satisfação pessoal de cada um.

15 “Mission house”

Ainda, esse espaço igreja/ágora¹⁶ pode ser um símbolo que aponte a união entre igreja e Estado, o que indica que o governo assimila uma única e imperativa moral hegemônica. Nas palavras de Linda Badley:

Otherwise the state as civic body has fused with the church; the “mission house” is the center of civic life, having been converted into town hall where Tom, posing as intellectually and morally superior overseer, catechizes the assembly on ethics, democracy, and political economy, suggesting the assimilation of the state’s governing functions under a hegemonic moral imperative. (2015, p. 165-166)

E nada que é hegemônico combina com democracia, um espaço aonde a liberdade está no diálogo.

Por fim, a última possível fissura na construção democrática de *Dogville* e *Manderlay*, está na in experiência dos governantes, um problema discutido desde antiguidade clássica; como resume Kelsen:

Já na Grécia antiga, os adversários da democracia, como Platão e Aristóteles, chamaram a atenção para o fato de que um governo do povo enquanto governo exercido por homens inexperientes nas práticas governamentais e sem o necessário conhecimento dos fatos e problemas da vida política pode estar totalmente distanciado dos interesses do povo e, assim, revelar-se um governo contra o povo. (KELSEN, 1993, p. 141)

A inaptidão dos personagens de Lars Von Trier para viverem em uma democracia, parece clara: são senhores de escravos ou escravos forçosamente libertos; um suposto intelectual que nunca ultrapassou os muros de *Dogville* ou leu livros além da coleção de seu pai, um cego que quase nunca vai às assembleias, etc: todos embrutecidos pela exposição sôfrega e contínua a miséria.

Os membros das comunidades de *Dogville* ou *Manderlay* podem ser induzidos ao erro também pela ignorância. Se não se sabe o que é matéria de assunto público e o que não é, o que é o interesse particular e o interesse voltado ao bem coletivo, a falta de clareza pode levar os cidadãos a discutirem algo que não tem relevância social como se tivesse e seguirem suas paixões cegas sem perceberem o verdadeiro bem. Novos como votantes e como governantes, decidem mudar o correr do relógio; se Grace visitará a cada casa durante uma hora uma vez por dia, ou durante meia hora duas vezes por dia; se Grace será acorrentada para que não fuja; se será a nova senhora, a nova tirana, etc.

Não conhecer a democracia é subverter sua estrutura. É não conhecer seu sentido e fazê-la desmoronar por não dar alcance prático aos princípios aos quais se assenta. É dizer-se democrata sem saber o que é democracia. Mas, afinal, quem de nós sabe o que é democracia? Quem não está sujeito a deslizes? Somos todos *Young americans*, *Young*

16 Local onde os gregos realizavam suas assembleias públicas.

americans, como canta David Bowie¹⁷. Então, “nunca existiu verdadeira democracia nem nunca existirá” (ROUSSEAU, p. 122, 2014). Afinal, “um governo tão perfeito assim não convém aos homens” (ROUSSEAU, p. 123, 2014).

2. O que é, afinal, essa tal democracia?

Que é possível chegar-se democraticamente a aberrações parece certo depois de se assistir a *Dogville* e *Manderlay*, cujas decisões tomadas não poderiam ser mais desastrosas para a vida de Grace e para comunidade, que se enfraqueceu e se desviou do caminho do justo, do que favorece a todos e enche de vida a cidade. Mas em que consiste a democracia? É o melhor de todos os governos, o mais belo, em que o povo tem maior participação e, portanto, o Estado em que mais reina a liberdade. É o governo dos deuses (ROUSSEAU, p. 123, 2014), mas também o que tem maior capacidade de se degenerar (ROUSSEAU, p. 123, 2014).

Se é o mais corrompível e difícil de manter de todos os governos, é certo que a democracia se consumirá feito uma chama? Morrerá pelo que lhe é mais substancial? Como diz Platão: “a liberdade em excesso, portanto, não conduz a nada mais que não seja a escravidão em excesso, quer para o indivíduo, quer para o Estado” (PLATÃO, p. 262, 2002). Nessa linha trabalha Lars Von Trier, quando leva a democracia a contradizer-se pela escravidão do indivíduo em *Dogville* (aprisionamento de Grace), e pela “escravidão” do Estado em *Manderlay* (quando Grace é escolhida para ser tirana - a nova senhora da fazenda).

É uma característica exclusiva da democracia se degenerar, perdendo-se durante o seu curso? Não é isso que defende Platão ou Rousseau. Desviar-se de sua constituição original nada mais é do que uma tendência de toda forma de governo. Seja um regime aristocrata, monárquico ou democrático é possível e até provável que se perca de sua finalidade. Assim, “o corpo político, tal como o corpo do homem, começa a morrer desde o seu nascimento e traz em si as causas de sua destruição” (ROUSSEAU, p. 144, 2014). E as causas dessa destruição estão nos próprios vícios do corpo político. O governo durará e será bom enquanto seus membros não se desviarem de cumprir seus objetivos: serem guardiões da forma de governo que elegeram¹⁸ e agirem sempre como cidadãos¹⁹. Se assim for, o governo instituído sempre será bom e justo, o que será perceptível através da realização de seus membros: “Qual a finalidade da associação política? A conservação e a prosperidade de

17 Música de fundo – créditos *Dogville*.

18 A única forma de afastar a degeneração é mantendo a *presença constante do soberano*, seja para vigiar os governantes, ou para decidir sobre temas importantes.

19 Aqueles que buscam a realização da comunidade como um todo.

seus membros. Aquele sob o qual o povo diminui e definha é o pior” (ROUSSEAU, p. 139, 2014). Daí tira-se somente uma conclusão: que a finalidade do Estado é o bem comum, ou seja, a prosperidade dos membros da associação como corpo (ROUSSEAU, p. 77, 2014).

Vimos que a finalidade do Estado é sempre boa e reta e que, auxiliada pela vontade geral, deveria sempre caminhar na direção do bem comum. Então, constituí a democracia um fim em si mesma? A instituição política, o Estado são fins em si mesmos. A democracia não passa de uma modalidade de governo, que será considerada melhor ou pior conforme auxiliar ou não o Estado a atingir e manter sua finalidade. Como diz Rousseau, “quando se pergunta de forma absoluta qual o melhor governo, faz-se uma indagação tão irrespondível quanto indeterminada” (p. 139, 2014).

A democracia é incapaz de constituir um fim em si própria: é pura FORMA. Como expressa Luiz R. Salinas Fortes, a “democracia é vista apenas como uma das três formas legítimas de governo; não é um termo que designa a substância mesma do Estado” (1989, p. 90). Se é forma, não pode ser autofágica, pois não é a forma que se consome, senão seu conteúdo. O Estado, a constituição política se consomem conforme os vícios de seus membros; não é a democracia em si, responsável por esses vícios. O problema de *Dogville* ou *Manderlay* não está na sua estrutura política: a democracia é só um meio para se chegar a um fim e servirá aos seus propósitos, enquanto caminhar nessa direção. Pode ser que a democracia de fato, seja o melhor dos governos²⁰, o caminho mais fácil a ser trilhado na perseguição do bem comum. É certo, porém, que como forma, a democracia não é boa nem má em essência: como um caminho, por mais tortuoso que possa ser, pode ser percorrido e leva ao final da estrada se aqueles que o trilharem não saírem de suas margens. Os habitantes de *Dogville* e *Manderlay* se desviaram da trilha, mas isso não quer dizer que sempre a democracia fracassará.

Já que conhecemos um pouco sobre o que consiste a democracia, cumpre-nos, agora, investigar porque justo esta forma de governo foi escolhida pelos cidadãos de *Dogville* e acatada por um período em *Manderlay*.

3. Por que democracia?

O que leva os cidadãos de *Dogville* e *Manderlay*²¹ a optarem pela democracia como forma de governo? Essa escolha, mesmo que feita inconscientemente, pode ter motivações

²⁰ Como diz Rousseau.

²¹ Grace forçou o regime democrático, o que cria mais correto, em *Manderlay*, mas apesar de terem sido obrigados no início, os moradores da fazenda se apossaram dessa forma, tanto é que democraticamente decidiram fazer de Grace sua senhora, mesmo sem seu consentimento. Escolheram a democracia e utilizando-se de suas próprias regras decidiram destruí-la.

que oscilam entre o extremo egoísmo ou altruísmo. Somos maus ou somos bons? É uma pergunta que não tem resposta fácil, mas é sua resposta íntima que nos conduz a escolha da democracia.

Se somos egoístas, jamais aceitaríamos ser governados por alguém que estivesse em um patamar superior. Um governante, por mais justo que seja, acumula poderes, ganhando um status especial: deixa de ser um mero cidadão e torna-se governante. Aqueles que são governados, se são essencialmente egoístas, ficariam ressentidos de terem de se submeter a um semelhante, que por acumular uma função especial, deixa de ser um igual. Desta forma, o que motivaria a democracia seria justamente a ausência de chefes (KELSEN, 1993, p. 89) e a sensação ilusória de que não seria governado por ninguém além de mim mesmo. Em nenhuma democracia essa ilusão de liberdade é tão forte quanto na direta (única democracia possível na concepção de Rousseau), já que é nela que cada cidadão participa ativamente do governo e das decisões sobre que leis serão acatadas ou não.

Já dissemos²² que a liberdade que se tem na democracia, como ausência de governo, é ilusória. O corpo social governa, ou seja, um ente despersonalizado, formado pela vontade de todos os cidadãos. Como diz Kelsen:

...o ideal da liberdade da democracia, a ausência de domínio e, por isso, de chefes, é irrealizável mesmo aproximadamente. A realidade social de fato é o domínio, a existência de chefes. O que se pergunta é simplesmente como se forma a vontade dominadora, como se cria o chefe. Neste aspecto, não é tão característico da democracia que a vontade dominante seja a vontade do povo. (KELSEN, 1993, p. 89)

Nada caí melhor à noção individualista própria daqueles que estão inseridos em um ambiente capitalista, do que a ideia de que por ser livre não posso ser governado por ninguém, já que a liberdade propiciaria a possibilidade de alcançar qualquer lugar – ninguém é superior a mim, na medida em que posso alcançá-lo quando e bem entender.

²² Ver p. 8-10 do artigo.

Porém, se o homem é bom²³ e não tem egoísmo, mas sim um sentimento de piedade²⁴ dentro de si, ele elegeria a democracia por motivos opostos ao do egoísta; é por amar a si e ao outro, em quem se vê refletido, que escolhe o regime de máxima liberdade, porque quer ter certeza que não perderá nem verá o outro perder o que lhes fazem homens, ou seja, sua liberdade²⁵ (que desde o pacto de associação civil, foi convertida na liberdade do cidadão). E é o regime democrático, segundo Rousseau, o que tem menor probabilidade de contrariar essa nova liberdade civil, satisfazendo esse desejo do homem bom; a democracia dificilmente retirará do homem o que lhe é intrínseco (ou seja, sua liberdade), porque corresponde ao regime de fiscalização mais facilitada²⁶, qualquer falha da administração pública é rapidamente descoberta e debatida, de maneira que essa transparência e movimentação conduzam o governo ao caminho do bem.

Qual via segue Lars von Trier em *Dogville* e *Manderlay*? A bondade ou o claro egoísmo conduzem os cidadãos de *Dogville* a terem a democracia em tão cara estima? E os cidadãos de *Manderlay*? Por que se apropriam da estrutura democrática, mesmo recém conhecendo-a?

Parece que o diretor segue as noções de Kelsen; seus personagens são perversos, caricaturas do egoísmo; uma crítica pronta ao individualismo que reflete nas sociedades atuais, se admitirmos que o individualismo seja uma concepção ocidental, da mesma forma que permeava os personagens estadunidenses, permeia a todos nós.

Chuck é, de cara, o mais perverso dos personagens de *Dogville*. Sente prazer em fazer Grace sofrer, sem qualquer sentimento de piedade. As ameaças de entregá-la a polícia, ou votar contra a sua permanência na cidade nas assembleias promovidas por Tom, são indícios de sua maldade que ganha ares ainda maiores, quando fisga Grace em suas chantagens; a partir daí, passa a abusá-la sexualmente. Além de tudo, Chuck vota a favor da chamada dos gângsteres, quando os membros da cidade decidem que não querem mais escondê-la, ao mesmo tempo, sem permitir que ela fuja, um conluio de todos os moradores de *Dogville* em que fica clara a perversidade de cada um.

23 Segundo a teoria de Rousseau o homem é naturalmente bom, assim como é a natureza. Só contrariaria sua bondade natural quando estivesse sob as forças das paixões malignas que a civilização cria.

24 Uma das paixões naturais do homem, quer dizer, aquelas que não são contrárias a natureza e por isso são boas, segundo Rousseau, é a chamada compaixão ou piedade, ou seja, a possibilidade de sair de si e se encontrar no outro, de sentir o sentimento alheio.

25 A liberdade é essencial ao homem; diferencia-o dos demais seres da natureza.

26 Comparando a democracia a autocracia, Kelsen classifica o regime democrático como o mais transparente, aquele em que o que acontece não foge aos conhecimentos do povo.

Jason, filho de Chuck, é outro personagem essencial para a construção da perversidade como característica natural do ser humano. Uma simples criança é capaz de manipular e fazer sofrer sua semelhante: Grace, tudo porque não pode segurá-lo no colo o tempo todo, porque não realiza um capricho seu. Se uma criança, como Jason, é perversa desde pequeno, não é porque foi ensinada, senão porque continha uma tendência dentro de si.

Vera, mãe de Jason e esposa de Chuck, é também uma das mais maléficas personagens de *Dogville*. Ao ver seu orgulho de mãe ferido, após ser manipulada por Jason, acreditando que Grace o espancou, e seu orgulho de esposa ferido, ao culpar Grace pelos abusos que sofria por parte de Chuck, decide aplicar um castigo na forasteira: quebra as pequenas estatuetas compradas com todo o dinheiro que Grace recebeu pelos trabalhos prestados aos moradores de *Dogville* – a lembrança simbólica da cidade como um lugar terno – e se delicia, vendo suas lágrimas rolares.

Tom, aparentemente o mais bondoso dos moradores de *Dogville*, também tem seus requintes de desumanidade. Joga com Grace, usa-a como teste ético para os moradores da cidade e como personagem do livro que vinha planejando escrever. Observa-a, mas não a ajuda. Não se compadece com seu sofrimento. É o manipulador por trás de tudo o que aconteceu.

Em *Manderlay*, a primeira e mais cruel dos personagens, é *Mam* a antiga senhora de escravos. É quem mantém o regime escravocrata dentro dos limites de sua fazenda, mesmo tendo consciência de que a escravidão já havia sido proibida há muito tempo.

Em seguida, vem o antigo braço direito de *Mam*, Wilhelm, o escravo responsável por manter os outros escravos em sua servidão. É ele quem classifica os escravos em categorias, o responsável por criar a *Mam's Law*. Tão vil que é capaz de estruturar o sistema de exploração e não sentir qualquer compaixão daqueles que eram escravos como ele próprio.

Grace não pode ser deixada de lado na lista de personagens perversos. O dom de Deus²⁷, a mais pura dos personagens; aquela que aguenta qualquer tormento, é também a mais impiedosa da lista de ambos os filmes. No desfecho de *Manderlay* e *Dogville*, é quem decide por exterminar a cidade e a fazenda da face da terra; matar um por um daqueles que conheceu. Se existe sentimento de piedade ou perdão, Grace não os conhece quando retoma o poder.

Tão degenerados são os personagens de *Dogville* e *Manderlay* que Tom, Vera, Chuck, Jason, Wilhelm, *Mam* e Grace são apenas alguns exemplos. Se acataram a democracia, só

27 *Grace is a gift from God*, como diz Linda Badley; o exemplo da caridade, da cristã ideal.

pode ser por um motivo: a aversão de não participar do poder, a arrogância que torna insuportável ver o outro acumular um status maior do que o seu, o desejo de governar a si mesmo e ao outro segundo sua própria vontade. Essa perversidade que leva a escolha da democracia é a mesma que a desvia do seu curso em busca do que é justo: é o que a destrói.

4. Considerações Finais

As incursões pelos filmes *Dogville* e *Manderlay*, permitem uma abordagem diferenciada na forma de ver e entender a democracia. Lars Von Trier, criador de obras insufladas de pessimismo, auxilia na percepção de que nem tudo são rosas e que mesmo o que há de mais sagrado na nossa formação, como o próprio conceito da democracia, não está livre de um sem número de discussões espinhosas.

Olhar para um ambiente democrático que leva a decisões absurdas, verdadeiras aberrações políticas, faz-nos buscar o que pode haver de errado por dentro dessa estrutura que é tida como solução de todos os problemas por si só. A democracia não é um modelo pelo qual se opta porque vem livre de qualquer obstáculo, pelo contrário, assim como acontece nos filmes, pode ser vítima de inúmeros vícios e por isso merece atenção e cuidado especiais. Não existe estrutura política perfeita; nem mesmo a democracia direta idealizada por Rousseau está livre de problemas.

A dificuldade em alcançar estabilidade no governo, o que só faria os cidadãos e a cidade prosperarem, se desloca da forma política adotada para a responsabilidade direta daqueles que integram o corpo político, o povo. Um corpo ideologicamente desconectado dos objetivos da democracia levará ao fracasso. Conhecer o que há por trás das palavras democracia, liberdade, cidadão, é essencial para compreender e se adequar ao ambiente em que se vive. Compreender o porquê da escolha de determinada estrutura política, também deve constituir um esforço para que nossos motivos não nos enganem. A chave para melhorar está no conhecer, na educação: *Nascemos estúpidos*²⁸, mas não precisamos continuar estúpidos, como os moradores de *Dogville* ou *Manderlay*.

Lars Von Trier suscitou questões²⁹, cabe a nós responde-las de modo diferente do que fizeram seus personagens. Caminhemos, então, avante, e não deixemos tudo definhar em nossas mãos.

28 Como diz Rousseau em o início do livro *O Emílio*, dando grande ênfase a educação como agente de mudança.

29 Em entrevista, Lars Von Trier diz não fazer filmes para responder perguntas prontas, mas justamente para levanta-las.

Bibliografia:

BADLEY, Linda. *Lars von Trier*. University by Illinois: 2011. E-book. IBNS: 9780252077906. Disponível pela Livraria Cultura.

FORTES, Luiz R. Salinas Fortes. *O Bom Selvagem*. 1ª ed. São Paulo: FTD, 1989.

KELSEN, Hans. *A Democracia*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PLATÃO. *A República*. 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

REIS, Helena Esser dos. *Do Sentimento De Semelhante ao Compromisso Político*. Cadernos de ética e filosofia política USP. Nº21, 2012. p. 109 - 118.

RILEY, Patrick. *Cambridge Companion to Rousseau*. Cambridge University Press, 2006. E-Book. IBNS online: 9781139000673.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. São Paulo: Schwarcz S. A., 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Emílio*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. São Paulo: Malheiros Editores, 2005.

TIRARD, Laurent. *Lecciones del cine*. 1ª ed. Barcelona: Paidós Iberica, 2003.

RAMIÓ, Joaquim Romaguera i. *El lenguaje cinematográfica*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1999.

Contato: anariccoterra@icloud.com e rodrigo.cintra@mackenzie.br